

## UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O DESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA E AS RELAÇÕES CONSTRUÍDAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Isa Braga Freire<sup>1</sup>

Ana Letícia dos Santos Canuto do Nascimento<sup>2</sup>

Amanda Silva Mesquita<sup>3</sup>

Alexsandra Maria Sousa Silva<sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

Este trabalho abordará reflexões sobre a relação adolescência e escola, com ênfase para os desafios inerentes a este momento marcante do desenvolvimento humano. Para tanto, é preciso situar a perspectiva sociointeracionista para compreender que o desenvolvimento se constrói através da interação do sujeito com os aspectos socioculturais. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o desenvolvimento na adolescência e os reflexos das relações construídas no espaço escolar.

A adolescência é fundamental no percurso do desenvolvimento humano, é nesse momento do desenvolvimento que os sujeitos experimentam vivências que os compõem em suas diferentes dimensões, a saber: física, psico, sócio, emocional, religiosa, espiritual. Nesse sentido, compreendemos a construção humana na perspectiva sociointeracionista, com Vygotsky, ao afirmar que o desenvolvimento se constrói através da interação do indivíduo com os aspectos socioculturais, que implica relação com a família, escola, comunidade e sociedade como um todo.

Diante disso, nos propomos pensar sobre essas adolescências, fazendo o recorte do contexto escolar. Os gestores e colaboradores das escolas do Brasil, principalmente na chegada ao ensino médio, visam muito a aprendizagem, ou rendimento escolar dos alunos, e

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF), em Sobral-Ce. E-mail: [isabragaf01@outlook.com](mailto:isabragaf01@outlook.com)

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade Lucinao Feijão (FLF), em Sobral-Ce. E-mail: [analeticiacanuto2022@gmail.com](mailto:analeticiacanuto2022@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF), em Sobral-Ce. E-mail: [psicologaamandamesquita@gmail.com](mailto:psicologaamandamesquita@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do curso de Psicologia, da Faculdade Luciano Feijão (FLF), em Sobral-Ce. E-mail: [alexsandramss88@gmail.com](mailto:alexsandramss88@gmail.com)

ainda se utilizam de métodos tradicionais, dentre eles a forma imperativa, por parte do docente, de falar com seus alunos e esperar deles o comportamento mecanizado de permanecerem imóveis em suas cadeiras, apenas ouvindo-o. A palavra dita é muito importante, principalmente para a aprendizagem, mas é necessário questionarmo-nos também sobre o lugar de escuta na educação.

Sabemos o quão importante é a afetividade no processo ensino-aprendizagem para que haja uma troca de vínculos entre aluno e professor e aconteça o desenvolvimento escolar e biopsicossocial do adolescente de forma cuidadosa. O termo afetividade interpretado por Jean Piaget (1954-1994) é referido como uma energia que impulsiona as ações, o qual defende a importância de diferenciar a predominância dos aspectos afetivos, opondo-se a dicotomia feita entre as ações primária e secundária, já que as duas possuem aspectos afetivos e cognitivos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O conceito de adolescência é diferente na perspectiva de vários teóricos, para Rousseau no século XVIII, estava associado a "ideias de revolução, paixão e primitividade" (Calil, 2003, p.144). Já para a Organização Mundial de Saúde – OMS (1965) a adolescência é definida como um período biopsicossocial que compreende, a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. Esse também é o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2007) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Brasil, 2007). Para o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, o período vai dos 12 aos 18 anos (Brasil, 2007).

De modo geral, a adolescência começa com as transformações corporais da puberdade e se encerra com a inserção social, profissional e econômica na vida adulta (Formigli, Costa & Porto, 2000). Kalina e Laufer (1974) descrevem a adolescência como o segundo grande salto para a vida: um salto em direção à individualidade. Lidz (1983) e Serra (1997) destacam que há diversas formas de vivenciar a adolescência, dependendo das características de cada indivíduo e de seu contexto social e histórico.

De acordo com Lev Semyonovich Vygotsky (1934), a conexão entre o aspecto afetivo e o cognitivo é inseparável, pois a construção do conhecimento acontece através de um processo de interação entre esses dois elementos. Assim, destaca-se que a afetividade se manifesta na relação professor-aluno como um componente essencial para o desenvolvimento do conhecimento. Com Paulo Freire (1968) podemos refletir sobre a importância da troca e do diálogo para construção de uma educação emancipatória.

## **METODOLOGIA**

A metodologia é baseada em um relato de experiência, com cunho qualitativo, observação-participante. O Relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária, cuja característica principal é a descrição da intervenção (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021). Góis (2008), define a observação participante como a presença ativa do pesquisador dentro da comunidade, sendo ele alguém que também passa a fazer parte do cotidiano do lugar, seja indo morar no local, trabalhar ali ou se fazendo periodicamente presente.

Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica. As intervenções foram desenvolvidas na Escola Professor Arruda, em Sobral-CE. Foram realizadas três ações de visita ao equipamento, com a finalidade de realizarmos as oficinas de fanzine, a qual podemos definir como um termo que é aplicado em diversos casos, sendo principalmente trabalhado em grupo, independentemente do número de encontros. A oficina é uma metodologia que envolve os sujeitos de maneira integral, auxiliando na forma de agir, pensar sentir (AFONSO, 2018).

Os dados foram registrados a partir da elaboração de diários de campo, que ocorreu no processo da pesquisa. Para Montero (2006), são descrições do que aconteceu no campo, suas observações, dúvidas, questionamentos, acertos, a superação e aprendizagem com seus erros. Os resultados foram analisados com base na análise de conteúdo, sistematizados em três categorias: desenvolvimento, adolescência, papel da escola.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados apontaram fragilidade de vínculos dos alunos entre si e para com os professores que, por sua vez, reflete na dificuldade de reconhecimento das potencialidades desses adolescentes, enquanto etapa do desenvolvimento.

O desenvolvimento da adolescência é um período marcado por intensas transformações físicas, emocionais e sociais que se entrelaçam diretamente com o ambiente escolar, influenciando as relações e o desempenho dos jovens nesse espaço. A escola, enquanto espaço formativo, não apenas fornece o conhecimento formal, mas também desempenha um papel fundamental na construção da identidade dos adolescentes, ao mesmo tempo que lida com as demandas emocionais e sociais típicas dessa fase. Contudo, a relação

entre o ambiente escolar e o desenvolvimento da adolescência é complexa e exige um olhar atento dos educadores para as necessidades emocionais dos estudantes.

O vínculo é uma ferramenta que possibilita a dinâmica escolar, enfrentar e criar condições menos opressoras, de modo que o aluno se sinta parte de um espaço de acolhimento onde possa ser ouvido e de perceber que ali é o lugar onde pode desenvolver as suas mais diversas potencialidades. O desenvolvimento não se restringe apenas ao cumprimento do currículo escolar, mas envolve também habilidades políticas, sociais e/ou artísticas, conforme advoga Silva (2023):

Desta forma, é um dado relevante pois indica que maiores investimentos em relações positivas entre estudantes e professores podem contribuir efetivamente para o equilíbrio emocional dos primeiros. Neste sentido, é preciso questionar como este professor constrói sua prática pedagógica, considerando a dimensão afetiva/emocional dos estudantes, quais os modelos de ensino-aprendizagem vêm sendo adotados e os novos desafios que essas temáticas engendram no cenário atual (p. 16).

Com isso, entendemos que a relação do professor com o aluno é fundamental para o fortalecimento da identidade desse adolescente e que isso não é contemplado no conteúdo programático escolar. É indubitável que existem ações que influirão por toda trajetória do sujeito e que a escola é um dos espaços de maior transformação do indivíduo. Essa ideia tem como base a educação libertadora de Paulo Freire, quando afirma que:

“Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história.” (1991, p. 16).

A relação afetiva entre professor e aluno é amplamente discutida por diversos estudiosos e, por isso, abordar essa temática é fundamental, pois envolve questões essenciais para o sucesso escolar. A ausência de um vínculo afetivo e motivacional na relação docente-discente pode acarretar danos e conflitos, tanto internos quanto externos, prejudicando o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do estudante. O estabelecimento de vínculos afetivos genuínos com os alunos favorece o desenvolvimento de confiança e autonomia nas suas interações, uma vez que um professor afetuoso e incentivador estimula a permanência do estudante na escola e desperta o desejo de aprender. Assim, contar com um professor que compreenda e acolha as necessidades individuais de cada aluno contribui significativamente para o crescimento do estudante.

Na adolescência, a formação de um corpo qualitativamente e quantitativamente distinto do infantil resulta em novas configurações subjetivas. Não é desconhecida, por exemplo, a ideia de que essa fase é inerentemente problemática. Tal visão, no entanto, deriva

de preconceitos e estereótipos herdados da teoria maturacionista. De fato, prevalece um pensamento hegemônico que sustenta que adolescentes, por não saberem lidar com as mudanças biológicas, tenderiam a conflitos internos e a comportamentos considerados inadequados, muitas vezes fora do que é socialmente aceito.

É comum o discurso que a adolescência é sinônimo de rebeldia, no entanto é importante problematizar e entender os possíveis significados dessa rebeldia. Entendemos que é isso parte constituinte da adolescência, que se compõe também de comportamentos de negação, oposição, autoafirmação, construção de grupos ou guetos, etc. Esses aspectos precisam ser vistos de maneira contextualizada e articulada a etapa de desenvolvimento que esses alunos estão vivenciando. Nesse sentido, o papel da escola é acolher esses alunos, criar espaços de troca e diálogo sobre suas vivências e curiosidades, aproximar-se de seus interesses e fortalecer a criatividade, na relação ensino-aprendizagem.

A teoria histórico-cultural supera essa dicotomia, dando origem a uma perspectiva qualitativamente revolucionária. Ou seja, Vigotski não compreende a adolescência como algo dado, ou negativo, mas como um momento do desenvolvimento que dá origem a um funcionamento completamente novo do psiquismo (Sousa e Silva, 2019). A adolescência é, portanto, uma fase crítica no desenvolvimento, mas não apenas pelas características biológicas que conferem peculiaridades ao comportamento dos jovens. É um período marcado por transformações corporais que se ligam diretamente aos processos de internalização das experiências, os quais se entrelaçam com a complexidade crescente das formas de atuação do sujeito no mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, é importante considerar, além da dimensão cognitiva, os aspectos emocionais que compõem a adolescência e que vão interferir diretamente na aprendizagem, na relação desse aluno com o professor, com a escola e com o conhecimento. Nesse sentido, o vínculo com professores e colegas desempenha um papel crucial. Professores e corpos docentes que se mostram atentos e afetuosos, capazes de estabelecer uma conexão emocional com os alunos, criam um ambiente propício para que os adolescentes se sintam valorizados e compreendidos, o que fortalece a confiança e o interesse pelo aprendizado.

Portanto, torna-se essencial que a escola adote uma postura inclusiva e acolhedora, onde o educador atue como facilitador do desenvolvimento integral do adolescente. Para além do conteúdo acadêmico, os professores devem estar preparados para reconhecer as

singularidades de cada aluno e, assim, oferecer um suporte que promova não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o emocional e social.

Em suma, o desenvolvimento da adolescência e as relações escolares estão intrinsecamente ligados, exigindo uma abordagem que integre o emocional e o cognitivo. Um ambiente escolar que compreenda e respeite as particularidades dessa fase da vida pode fazer uma grande diferença na formação de indivíduos resilientes, confiantes e socialmente integrados. Assim, é preciso reconhecer a importância das relações afetivas no ambiente escolar e promover práticas educativas que valorizem a dimensão humana do ensino, contribuindo, de forma efetiva, para o desenvolvimento pleno dos adolescentes.

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento, Adolescência, Escola.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia. Oficinas em Dinâmicas de Grupo: um método de intervenção psicossocial. In: AFONSO, Maria Lúcia (org.). **OFICINAS EM DINÂMICAS DE GRUPO: um método de intervenção psicossocial**. 3º. ed. [S. l.]: LTDA, 2018. cap. 1, p. 9-62.

CALIL, M. I. (2003). De menino de rua a adolescente: análise sócio-histórica de um processo de ressignificação do sujeito. In S. Ozella (org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. (pp. 137-166). São Paulo: Cortez.

FREIRE, P (1998). *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991, p.16.

FORMIGLI, V. L. A., Costa, M. C. O., & Porto, L. A. (2000). Evaluation of a comprehensive adolescent health care service. *Cadernos de Saúde Pública*, 16, 831-841.

GÓIS, Cezar. **SAÚDE COMUNITÁRIA: PENSAR E FAZER**. Brasil: HUCITEC, 2008. 257 p. v. 1.

KALINA, E.; LAUFER, H. A os pais de adolescentes. Rio de Janeiro: Cobra Morato, 1974. 160p.

LIDZ, T. (1983). *A pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital* Porto Alegre: Artes Médicas.

MONTERO, M. (2006). **Hacer para Transformar: El método en la psicología comunitária**. Buenos Aires: Paidós.

MUSSI, Ricardo; FLORES, Fábio; ALMEIDA, Claudio. PRESSUPOSTOS PARA A ELABORAÇÃO DE RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO CONHECIMENTO CIENTÍFICO. **PRÁXIS EDUCACIONAL**, Bahia, ano 2021, v. 17, n. 48, p. 60-77, 27 out.

2021. DOI 10.22481. Disponível em:  
[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-26792021000500060](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060).  
Acesso em: 17 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (1965). *Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la O.M.S* (Informe técnico n° 308). Genebra.

PIAGET, Jean. (2014). *Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança* (C. J. P. Saltini, & D. B. Cavenaghi, Trad.). Rio de Janeiro: Walk Editora (Curso ministrado na Sorbonne, em 1953-54).

SERRA, E. (1997). Adolescência: perspectiva evolutiva. Em *Anais do VII Congreso INFAD* (pp. 24-28). Oviedo (Espanha).

SILVA, Alexsandra Maria; XIMENES, Verônica Moraes. **Sentimento de comunidade e integração social de jovens camponeses no ensino superior**. Orientador: Verônica Moraes Ximenes. 2023. 22 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, UFC, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>. Acesso em: 9 nov. 2022.

SOUZA, Candida; SILVA, Daniele. ADOLESCÊNCIA EM DEBATE: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS À LUZ DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL. **Scielo Brasil, SCIELO BRASIL**, ano 2019, v. 23, n. e-35751, 14 out. 2019. EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO, p. 1-12. DOI 10.4025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/jKmy5CvDmf7p987ycXnVHPx/#>. Acesso em: 18 set. 2024.

VIGOTSKI, L. S. (2003). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934).

---